

fsp (folhinha)  
11/4/98 5-1,6a9  
KUIKURO 05

# folhinha

Pág. 5-8

**LENDA**  
Lagoa e peixes  
nasceram de uma  
árvore gigante  
que explodiu

5º caderno ★ Página 1 ★ São Paulo, sábado, 11 de abril de 1998 ★ Nº 1.806 ★ Um jornal a serviço da criança

Telefone: (011) 224-3147. Fax: (011) 223-1644. E-mail: folhinha@uol.com.br



Índio kuikuru faz pintura  
no rosto para apresentar  
sua dança,  
em Juquitiba (SP)

Um dia de

# Índio

Os **kuikurus** mostram em ocas construídas em São Paulo  
como eles vivem na aldeia, que fica no **Xingu**

PSD  
11/4/98 cont  
05

ÍNDIOS

# Kuikurus mostram sua cultura

MIRNA FEITOZA da Redação

Um grupo de 20 índios, entre homens, mulheres e crianças, está oferecendo às pessoas da cidade de São Paulo a oportunidade rara de conhecer como é a vida em uma aldeia que ainda mantém a língua original e se esforça para não perder seus costumes.

Os índios são da tribo kuikuru, localizada no Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso, e vieram especialmente para participar do projeto "Vivendo e Aprendendo com os Índios", que acontece até o final de abril na Toca da Raposa (município de Juquitiba, a 73 quilômetros de São Paulo).

Os índios estão hospedados em três ocas que parecem as ocas do Xingu —lá vivem 16 tribos.

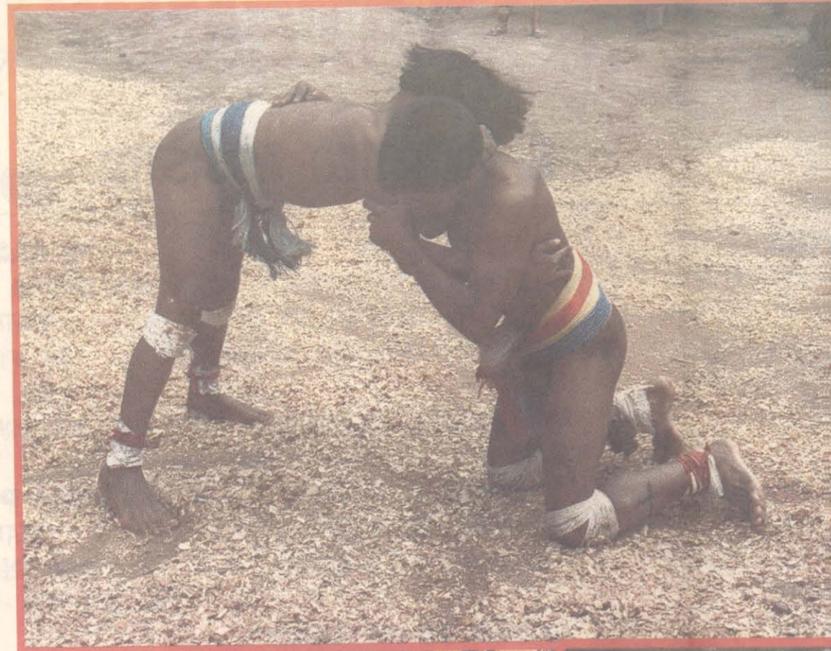
Eles mostram sua cultura como se estivessem na aldeia, só que os homens vestidos com sunga, e as mulheres, enroladas em panos.

"A gente anda vestido aqui. Quando vai para a aldeia, índio anda nu", conta o cacique Yakalo Kuikuru, 48, o terceiro na hierarquia da tribo Kuikuru e um dos únicos do grupo que sabem falar português.

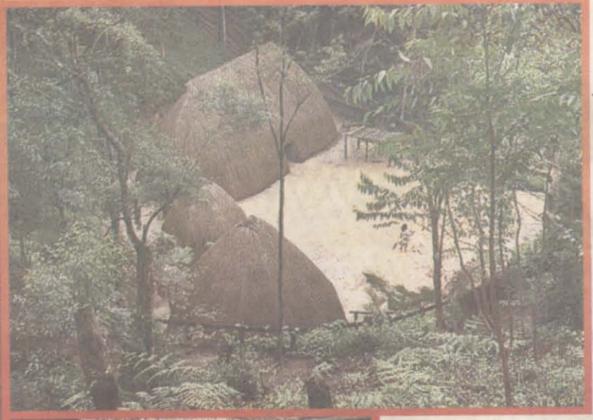
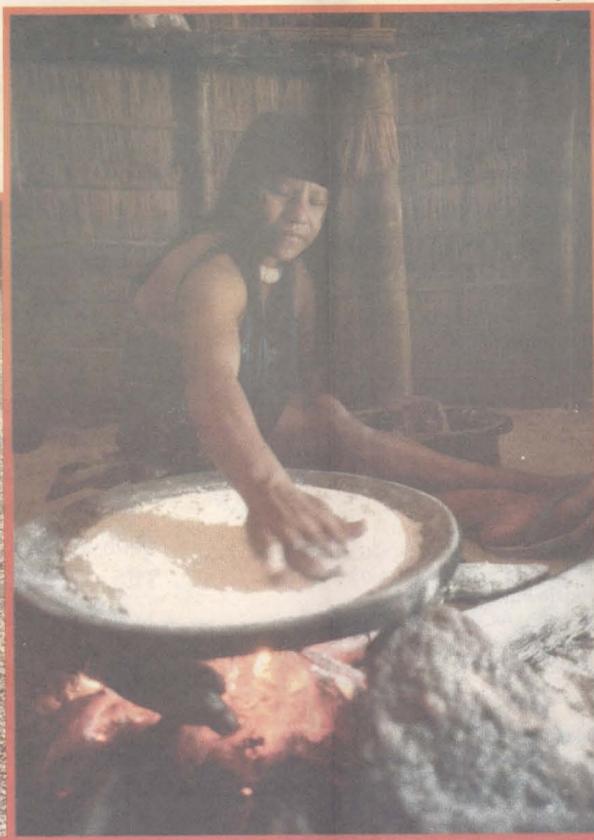
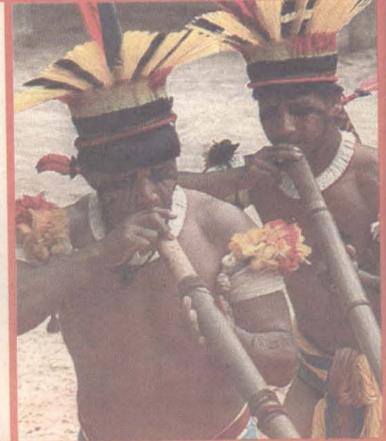
## Tribo quer comprar carro

O principal objetivo dos índios kuikurus nessa viagem a São Paulo é vender o artesanato feito na aldeia para comprar um carro.

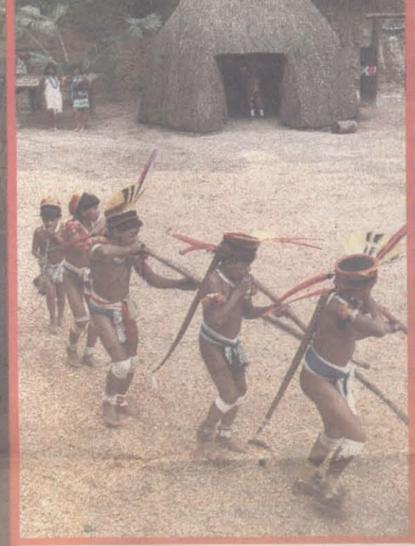
"A gente precisa do carro para transportar o artesanato até as cidades", diz Afukaka Kuikuru, primeiro cacique da aldeia. Entre as peças trazidas pelos índios estão bancos de madeira com forma de animais, enfeites e redes de buri. Os preços vão de R\$ 7,00 a R\$ 300,00. Ingressos a R\$ 10,00 (criança) e R\$ 20,00 (adulto). Grupos escolares: R\$ 40,00 por aluno, com alimentação e transporte (rodovia Régis Bittencourt, km 323, tel. 011/490-4263).



Acima, índios kuikurus mostram a luta que praticam para ficarem fortes. À direita, kuikurus enfeitados e usando instrumentos musicais em apresentação da dança Taquara. Abaixo, teste do instrumento antes da dança



No centro e no alto, índia prepara beiju. Acima, as três ocas construídas na Toca da Raposa (SP). À esquerda, a máscara assuruá, que representa o furacão, segundo os kuikurus. Abaixo, o cacique Yakalo



Acima, crianças kuikurus apresentam a dança Taquara. À esquerda, preparo do peixe, que os índios comem com beiju

## Aventura que deu certo

A vinda dos kuikurus a São Paulo começou após as viagens da educadora Regina Fonseca à aldeia deles. Ela visitou os kuikurus duas vezes e se tornou amiga deles. Lá, diz ter vivido experiências fascinantes. "Durante o banho,

eles ficam loucos pelos sabonetes dos visitantes e fazem fila para usar xampu", conta Regina. Segundo ela, no centro da aldeia existe a Casa dos Homens, um lugar sagrado onde fica guardada a flauta Jakú. Lá, os homens tomam

as decisões mais importantes, e as mulheres não podem entrar. Ao voltar da aldeia, Regina montou o projeto que está acontecendo em Juquitiba e conseguiu a maneira de trazer os kuikurus, após um ano de negociações com a Funai.

## Um dia na aldeia

O dia na aldeia kuikuru começa cedo. Por volta das quatro horas da manhã, os índios já estão de pé, e a primeira coisa que eles fazem é "cair na água para banhar", como conta o cacique Afukaka. "Depois, toma mingau e sai para trabalhar."

O trabalho é na roça. Eles plantam banana, batata-doce, milho e mandioca. Também colhem frutas, como o pequi, da qual retiram um óleo para usar na pintura do corpo e para repelir insetos. O peixe e a mandioca são a base

da alimentação. "A mulher rala mandioca, faz beiju e caldo de mandioca para tomar", diz Afukaka.

O beiju parece um pão sírio branco e grande. É feito com farinha de mandioca. As mulheres espalham a farinha em uma frigideira e, com o calor do fogo, o beiju se forma.

Durante a seca, quando a pesca fica difícil, os kuikurus torcem no rio um cipó chamado timbó. O líquido que sai desse cipó traz os peixes à superfície. "O peixe fica ton-to", explica o cacique.

## Crianças têm castigo

As crianças kuikurus passam o dia no rio tomando banho e brincando. Elas também se divertem na mata com arcos e flechas pequenos.

Como acontece com qualquer criança, em caso de desobediência aos pais, as crianças kuikurus ficam de castigo. "Nós temos o arranhador, feito com dentes de macaco. Quando a criança desobedece, o pai passa o arranhador no braço e no corpo dela", conta Afukaka. O arranhador também é usado para fortalecer o sangue.

"Eu sofri com meu pai me arranhando, para deixar o sangue forte", diz o cacique. Mas ninguém bate em criança kuikuru. "Quando minha irmã bate no filho, eu digo para

ela: 'não bate. Depois ele vai crescer, você fica velha, e seu filho vai cuidar de você'."

Quando as crianças crescem e chegam à adolescência, elas entram em reclusão, ou seja, ficam em suas ocas sem poder sair para nada durante um ano ou mais. Esse é um período importante para manter as tradições da tribo.

É nessa época que os índios aprendem, por exemplo, a fazer artesanato. Os adolescentes kuikurus tomam muito chá no período da reclusão, para ficarem altos e fortes.

"O índio enche a barriga, depois mete o dedo na garganta e vomita. Depois toma mais chá. É o costume", diz Afukaka, que ficou em reclusão durante três anos.

## Macaco assado

Os kuikurus gostam de fazer festas, que costumam durar um dia inteiro ou até mais. As festas chegam a reunir mil índios, que vêm das tribos dos arredores da aldeia.

Segundo os kuikurus, a maior de todas as festas é a Quarup, celebrada quando morre um cacique. "É um agradecimento pela vida do cacique", diz Afukaka. A festa Quarup também acontece quando morrem outras pessoas importantes da tribo.

Outra festa importante é a Jauari, que acontece no mês de maio e é feita para espantar as coisas ruins da aldeia.

Em julho, os kuikurus comemoram a Taquara. Nessa festa, os índios tocam flauta.

Outra festa é a do Pequi, realizada em outubro, época dessa fruta. Quando está para acontecer uma festa, alguns índios são enviados, a pé ou de canoa, para convidar as aldeias vizinhas. Nas festas, não há bebidas alcoólicas, e o prato principal é macaco assado.

### Raio X dos kuikurus

A aldeia dos kuikurus tem oito pajés, três caciques e cerca de 450 índios. Afukaka é o primeiro cacique, Tabata, o segundo, e Yakalo, o terceiro. Para auxiliar na organização da tribo, os caciques têm sete ajudantes. Os kuikurus falam karib, e bem poucos falam o português. O sobrenome de todos é "Kuikuru".

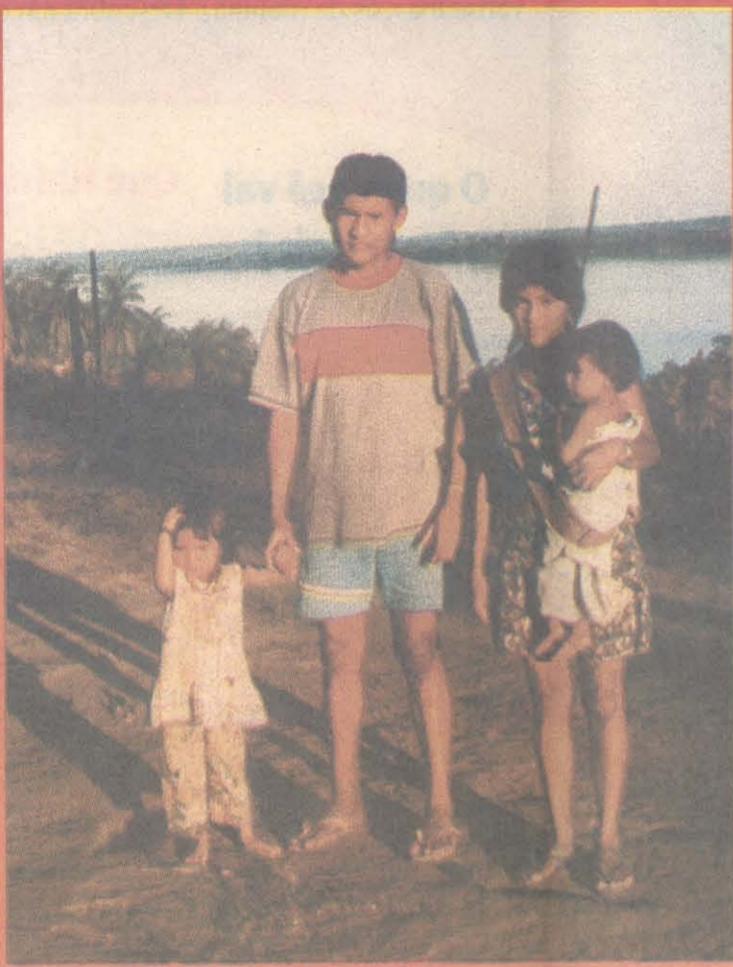
11/4/98  
05

cont.

ÍNDIOS

# Aprender é brincar de viver

Fotos Daniel Munduruku



Acima, crianças em atividades da tribo. Na foto maior, uma família munduruku. Ao lado e abaixo, crianças no rio e na aldeia



DANIEL MUNDURUKU  
especial para a Folhinha

Não há muita separação entre aprender e brincar para os índios. As crianças aprendem brincando e brincam aprendendo. Desde pequenas, elas acompanham os pais nas atividades deles e vão aprendendo como fazer as coisas que irão ajudá-las mais tarde a sobreviver. Elas aprendem a plantar, a pescar, a caçar e a colher frutos.

Mas não pense que as crianças ficam anotando tudo. Elas aprendem pela repetição dos pais.

Nos intervalos das atividades, as crianças se encontram para brincar. Tomam banho no rio ou pescam com as pequenas varas de pesca que elas mesmas fazem.

Algumas vezes, elas se aventuram a passear de canoa ou a subir nas árvores para brincar de imitar bichos: uma das brincadeiras preferidas.

## Formigas gigantes e caras-pretas

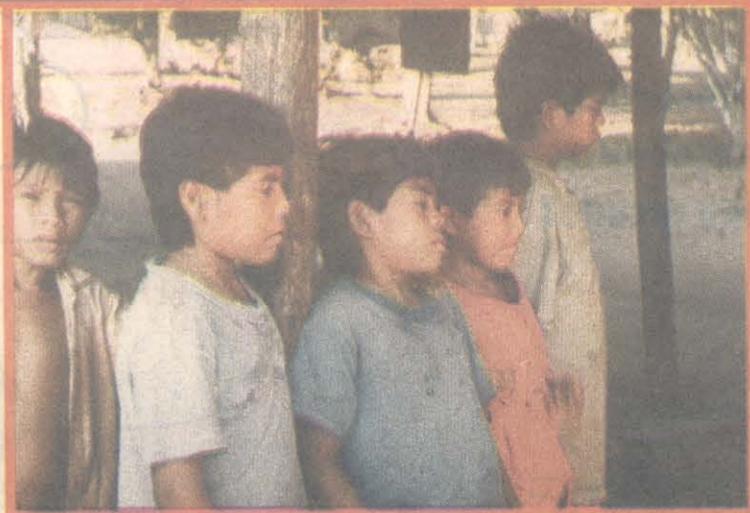
Os mundurukus formavam um povo poderoso e guerreiro. Sua fama de "caçadores de cabeça" corria pelos Estados do Pará e do Mato Grosso.

Quando saíam em grupo para expedições de caça, pesca ou guerra, o ruído que os índios faziam com os pés lhes fez valer o apelido de "formigas gigantes" (*tradução da palavra munduruku*).

Os inimigos saíam em desabalada correria para fugir dos também conhecidos "caras-pretas", pois os mundurukus tinham o costume de tatuarem as faces de preto.

A valentia dos mundurukus era tão grande que eles participaram de revoltas populares no Pará chegando a dominar cidades inteiras.

As autoridades não gostavam disso e mandavam tropas para lutarem contra eles. Os caras-pretas quase sempre saíam vitoriosos, pois conheciam melhor a região. Mas as autoridades continuaram a enviar tropas, e os mundurukus acabaram vencidos.



## Escola na tribo

Na tribo munduruku tem escola? Tem. As crianças vão às aulas em um período do dia. Elas aprendem a ler e a escrever em português e em munduruku! Bárbaro, não?

Os professores são os índios já alfabetizados e treinados para dar aulas.

Assim, os mundurukus unem o útil ao agradável: a escola tradicional —em que se aprendem as coisas de índio— e a escola formal, para aprender as coisas do homem branco que irão ajudar o ín-

dió a compreender a sociedade em que vive.

O conhecimento tradicional é transmitido por meio dos mitos —que são histórias das realizações dos deuses indígenas. Essas histórias contam como foram criados o Universo, as pessoas, o fogo, o céu, a mandioca, a noite e o dia e os animais.

Crianças e adultos ouvem as histórias dos mais velhos, a quem respeitam muito por sua sabedoria e conhecimento das coisas da vida.

## Tribos do Parque Nacional do Xingu



Fonte da grafia dos nomes: o livro "A Temática Indígena na Escola" (MEC/Mari/Unesco, 1995)